



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

ANÁLISE ACERCA DA HISTORICIDADE SOCIOECONÔMICA E POLÍTICA DO CENÁRIO AMAZÔNICO, MANAUS, VILA BELA, ATRAVÉS DA VEROSSIMILHANÇA

TATIANA DA SILVA ANDRADE¹

INTRODUÇÃO

A obra *Órfãos do Eldorado* é um romance que está inserido num contexto histórico das entre Guerras Mundiais: a Primeira ocorreu entre 1914 e 1918 e a Segunda entre 1939 e 1945, períodos conturbadores em todo o mundo. Por isso, milhares de pessoas preferiam fugir dos locais conflituosos, dos berços das guerrilhas. Talvez, a Amazônia fosse um lugar propício e atrativo para recomeçar a vida. Enfim, as causas possíveis dessas guerras estavam relacionadas a fatores econômicos; à insatisfação da Itália, Alemanha, com a propagação do nacionalismo, depressão, ou melhor, ao rebaixamento na escala capitalista, ocasionando sentimentos de inferioridade (BURNS, 1966, pp. 354 – 502).

Durante a Primeira Guerra, o Brasil ainda se baseava numa economia quase de subsistência (praticamente agrária) e, com a chegada da Segunda Guerra Mundial, o país iniciara o processo de industrialização, pois o presidente da república, Getúlio Vargas, destacava-se com seu interesse nacionalista, com intuito de fazer o Brasil progredir, especialmente, com os produtos existentes na Amazônia, tais como: borracha, ouro, dentre outras matérias comerciais. Dessa maneira, a visada da globalização foi inserida; produtos necessitavam serem exportados, importados. Mas como ocorreu isso? Uma vez que não havia nem sequer estradas, viabilidade para tráfego de carros, trens, apenas transportes fluviais trafegavam, ligavam algumas partes do solo brasileiro. E como ficariam os negócios para o resto do mundo? Com isso, o governo brasileiro firmou contratos para exploração das

¹ Aluna do PPG Mestrado Acadêmico em Estudos Literários – UNIR.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Simplício dos Santos.

Contato: tatiana_andrade2007@hotmail.com



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

terras amazônicas, ocasionando idas e vindas de pessoas de todo o mundo. Nesse sentido, toda esta situação se resume com o pensamento de Bhabha:

O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com "o novo" que não seja parte do *continuum* de passado com o presente. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético, ela renova o passado, refigurando-o como um "entre-lugar" contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O "passado-presente" torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver (BHABHA, 1998, p. 23).

Ademais, com este cenário amazônico e esclarecido (recontextualizando a fala de Bhabha), ocorre uma colonização, mas, também, uma descolonização dos nativos. Sendo assim, a originalidade cultural desta localidade das terras brasileiras poderia ter um contexto da política, da economia e dos autóctones, diferente do passado transportado para o futuro; o entre-lugar que acolheu pessoas de todo mundo? Tudo o que se sabe é que há uma cultura e um ideal de progresso de encontro com o colonizador e o colonizado, firmando espaço na região. No livro literário em questão, a família Cordovil é exemplo de tal situação.

Contudo, o ponto ápice do negócio econômico da família Cordovil elevou-se na Primeira Guerra Mundial, porque, neste período, o sobrenome Cordovil era potência, enquadrara-se num perfil socioeconômico de destaque na região. Em contrapartida, na Segunda Guerra Mundial, apesar do país iniciar o seu processo de industrialização, na obra, o próprio narrador afirmara: "[...] A guerra e as mudas de seringueiras plantadas na Ásia" (HATOUM, 2008, p. 38) ocasionou decadência nos negócios, nos investimentos.

O narrador relata os acontecimentos em primeira pessoa e é, a um só tempo, personagem de destaque; protagonista, pertencente à família Cordovil, Arminto Cordovil, filho de Amando Cordovil, e este, filho de Edílio Cordovil – homens de família tradicional da Amazônia, através do processo de colonização, em especial, o Edílio Cordovil, o qual fixou família na região.

O narrador do início ao fim do romance convida-nos a conhecer o mundo ficcional, porém com fatos verossímeis, que, defendido por Candido, está desta forma conceituado: "[...], algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

impressão da mais lídima verdade existencial” (CANDIDO, 2011, p 55) – isto quer dizer verossímil, pois a literatura parte do real para formar contextos diversos no imaginário, utilizando os fatos históricos, sociais, dentre outros elementos intrínseco à obra e, intuitamente, o enredo produzido. Segundo Barthes, “[...], a literatura é categoricamente realista, na medida em que ela sempre tem o real por objeto de desejo” (BARTHES, 2007, p. 22). Dessa maneira, na produção analisada, há respaldos sociais e psíquicos – que de acordo com Candido:

É o que vem sendo percebido ou intuído por vários estudiosos contemporâneos, que, ao se interessarem pelos fatos sociais e psíquicos, procuram vê-los como agentes da estrutura, não como enquadramento nem como matéria registrada pelo trabalho criador (CANDIDO, 2010, p. 15).

Com isso, toda esta estética trabalhada é uma criação realizada através de *flashback*, memórias em ordem e assim, muitas vezes, cronológica diacrônica. Além disso, a linguagem remete-nos ao regionalismo, mas com contraste às colonizadoras, porém direcionando a identidade local verificada através dos fatos, mitos e do amor enlouquecedor entre Arminto Cordovil e Dinaura, marcados pelo realismo, por ser uma novela romanesca em que se representa a relação entre a política e a economia no contexto amazônico, especificamente o de Manaus e o de Vila bela, pois segundo Benjamin: “[...], ‘o sentido da vida’ é o centro em torno do qual se movimenta o romance” (BENJAMIN, 1936, p. 212). Por isso, o percurso escolhido para a estética desta análise.

Portanto, com esta perspectiva, que a análise fincou as raízes e, sobretudo, com os vieses de Candido e Benjamin, no que cerne à estética; de Fanon e Bhabha, como normas a serem seguidas (poética); Levi-strauss, no que se refira aos segredos mitológicos. Contudo, é a partir destas normas poéticas que a análise se configura, condicionando uma leitura crítica da obra, com o direcionamento essencial explicado através do amor desmedido de Arminto por Dinaura, sendo englobados os ritos mitológicos e lendários regional.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

1 Marcos históricos de envolvimento da obra

Inicialmente, o narrador frisa a desenvoltura da família Cordovil perante os acontecimentos históricos mundiais e, restritamente, os recorrentes no Brasil ou na própria região.

A Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918) é o primeiro marco ressaltado na obra, tendo como causa principal: “causa econômica, ocasionando a rivalidade industrial e comercial entre a Alemanha e Inglaterra, dessa forma, o nacionalismo exacerbado originou-se” (BURNS, 2011, p. 354). Nesse período, analisando a obra em foco, descobre-se que a família Cordovil já ocupava a região Amazônica muito antes desta época, aproximadamente, em 1839, Edílio Cordovil, tenente – coronel, comandou um massacre contra os índios e caboclos desarmados (HATOUM, 2008, p. 71). Entretanto, há a suposição de que no período desta guerra, Edílio Cordovil, pai de Amando e avó de Arminto havia morrido. Sendo assim, a continuidade do progresso da família estava nas mãos de Amando Cordovil, pai de Arminto. Ele era um viúvo, perdera o grande amor da sua vida, Angelina, mãe de Arminto, morreu de parto. Sobre este período reconfigurado na obra assim relata o narrador: “[...] Até a Primeira Guerra, quem não tinha ouvido falar de Arminto Cordovil? Muita gente conhecia meu nome, todo mundo tinha ouvido falar da riqueza e da fama do meu pai, Amando, filho de Edílio” (HATOUM, 2008, p. 13).

Sendo assim, podemos afirmar que a família Cordovil fazia parte de uma minoria, estava inserida na escala de famílias tradicionais, possuindo grandes posses e investimentos. Portanto, Amando Cordovil era empreendedor e diversificava os seus negócios. No entanto, estava sempre arriscando novos investimentos: perdera uma grande licitação e esta foi apresentada como suposta causa da morte dele, pois ao saber da notícia ocorreu um súbito ataque cardíaco, assim relata o narrador: [...]. Morreu porque perdeu uma licitação vantajosa, a grande concorrência antes da Primeira Guerra: borracha e mogno para a Europa. O coração não agüentou (sic.), a ganância era maior que a vida (HATOUM, 2008, p. 77), porém como amigo leal, Estiliano respondeu: “[...] Não foi a ganância. Deve ter



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

... sido outra coisa. Algumas pessoas podem morrer por ganância, mas não...
(HATOUM, 2008, p. 78).

É notória a amarração que nos leva o enredo desta obra, mera coincidência da realidade moderna, porém, com um discurso realista, que segundo Pareyson:

Mas a arte é produção e realização em sentido intensivo, eminente, absoluto, a tal ponto que, com freqüência (sic), foi, na verdade, chamada criação, enquanto é não só produção de organismos que, como os da natureza, são autônomos, independentes e vivem por conta própria, mas também alcança ser produção de objetos radicalmente novos, verdadeiros e próprio incremento da realidade (PAREYSON, 2001, p. 25).

Nesse sentido, a análise foi direcionada pelos vieses conduzidos dos estudiosos apresentados e que surgiram até o final deste discurso analítico. Sendo assim, o próximo passo conduziu-nos a este ponto: Segunda Guerra Mundial, que é o segundo marco evidente na obra.

É sabido que, assim como na Primeira, as causas da Segunda Guerra não foram diferentes, mas acrescenta-se à causa de fator econômico e à do nacionalismo exagerado, o sentimento de inferioridade quanto ao rebaixamento do poder alemão. Para Burns: “[...], a Grande Depressão teve efeitos intimamente relacionados com os fatores que precipitaram diretamente a guerra. [...]. Mas acima de tudo a depressão foi a causa principal do triunfo do nazismo na Alemanha” (BURNS, 1966, p. 502).

Nessa época, o processo de industrialização já havia se expandido pelo mundo, com o fenômeno da globalização, levando o Brasil a industrializar-se, de fato, foi necessário. De acordo com Benjamin: “[...]. O capitalismo industrial precisa aperfeiçoar constantemente a sua maquinaria para, aumentando a produtividade, conseguir vender mais e fazer com que a mão-de-obra renda um maior quantum de mais-valia [...]” (BENJAMIN, 1991, p. 12) e, sem dúvida, era esta a intenção do governo brasileiro. Ademais, novas metas o governo estava obrigado a cumprir, dentre elas: aberturas de estradas, rotas que conduzissem a importação e



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

exportação dos produtos amazônicos (borracha, ouro). O trecho em que o narrador anuncia a Segunda Guerra, enfatizando:

A Segunda Guerra chegou até aqui. E pela primeira vez um presidente da República visitou Vila Bela. [...]. O presidente Vargas disse que os Aliados precisavam do nosso látex, e que ele e todos os brasileiros fariam tudo para derrotar os países do Eixo (HATOUM, 2008, p. 94).

Nesse período da Segunda Guerra, a família Cordovil ainda perdurava e mantinha plena atividade comercial na região. Contudo, é nessa época que Amando tentara negócios em diversos ramos comerciais. A voz do narrador assim relatou: "[...]. Diz que plantou cacau gorou em pouco tempo. [...]. Ele prosperou, até comprou uma barça e começou a transportar borracha, castanha e madeira do Médio Amazonas para Belém" (HATOUM, 2008, p. 68). Além disso, ele investira em outros ramos como em açougue. De acordo com o narrador: "Amando foi o primeiro a vender carne barata em Vila Bela" (HATOUM, 2008, p. 78).

Portanto, a família Cordovil, de descendência inglesa, investira na região, com vários ramos comerciais, dentre eles: navegação (transporte fluvial), com a barça nomeada Eldorado; plantação de cacau, pecuária e outros investimentos. Sem dúvida, uma família bastante influente no local, devido aos seus negócios comerciais.

2 Economia Eldoradoriana

Primeiramente, antes do ato de colonização dos forasteiros, o processo de troca e venda da Amazônia, e, em especial, Manaus, Vila Bela acontecia de forma de sobrevivência das tribos, isto é, inexistência de comércio capitalista. A visão para o comércio capitalista só foi possível na região, com a colonização e, mesmo assim, era insuficiente, até que a industrialização é inserida. Para Bhabha:

[...] Essa é uma intervenção oportuna e bem-vinda no debate sobre a narrativa realista e suas condições de existência e representatividade - um debate que até aqui tem se ocupado principalmente do "sujeito" de gênero e classe dentro das formações sociais e textuais da sociedade burguesa do ocidente (BHABHA, 1998, p. 109).



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Nesse sentido, o que ficou claro é que o colonizador invadiu esta parte do território, obrigando os autóctones a seguir todos os seus ritos, costumes, modos de vida, a cultura dos colonos era inferior, pois. Enfim, tudo a modo do colonizador. Contudo, a fama que se espalhou em todo o mundo da terra, do Eldorado, local encantado, além de refugiados de guerras, a região amazônica passou, por muito tempo, sendo alvo promissor para muitos investidores.

Sabe-se que traçar um perfil histórico de uma determinada localidade é um aparato daquilo que era até chegar ao que é, no agora, contextualizando passado – presente. Entretanto, para cada cultura existe e exige algum sacrifício, o qual se pode chamar disciplina. Com a colonização na Amazônia, o local necessitou de modernização, o capitalismo avançou e imperou. Os autóctones já não são puros, isto é, a cultura deles miscigenou com as dos colonizadores. Ocorrerá com eles o que Foucault chama de “poder disciplinar”, ou melhor, para o bem comum moderno da área uma nova sanção, regulamento, principalmente, quando se trata de economia. Há uma hierarquia.

Evidentemente, quando se trata de economia, investimento, em especial, da região Norte, especificamente, Manaus, poderíamos listar os tipos de colonizadores locais, pois é perceptível nos nomes dos estabelecimentos, por exemplo, americanos, ingleses e franceses são os mais comuns: “Manaus Harbour (alemão); Boulevard Amazon (francês); High Life Bar (americano); La Plata (espanhol); Manaus tramway (americano e Chalet-Jardim (francês)” (HATOUM, 2008, pp. 15 – 17 – 19 – 22 – 24 – 31). Para explicar toda esta colonização social e econômica, Levi-Strauss defendeu: “[...]. O progresso só se verificou a partir das diferenças” (LEVI-STRAUSS, 1978, p. 22) e mais, o autor ainda ressaltou: “Para que uma cultura seja realmente ela mesma e esteja apta para produzir algo de original, a cultura e os seus membros têm de estar convencidos da sua originalidade e, em certa medida, mesmo da sua superioridade sobre os outros; [...]” (LEVI-STRAUSS, 1978, p. 22).



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Sendo assim, poderíamos afirmar que a Amazônia sempre foi cobiçada, especulação, curiosidade, além de lugar de exploração internacional, de várias partes do mundo.

3 Sucessão família Cordovil

Primeiramente, é louvável frisar que: tanto na vida real quanto na fictícia, o homem é influenciado por vontades e sentimentos. Dessa maneira, Barthes explicita: “[...], a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa: ou melhor, que ela sabe algo das coisas – que sabe muito sobre os homens” (BARTHES, 2007, p. 18). Por isso, por saber muito sobre os homens, a literatura nos conduziu ao contexto do enredo interno e externo dos personagens.

A vontade de Amando prosperar financeiramente, além de proporcionar conforto e desenvolvimento na cidade, está relacionada, também, ao sentimento para com Dinaura – esses são exemplos que movem a vida humana. O narrador pontua algumas vontades de Amando com os trechos: “[...] Um dia vou concorrer com Booth Line e o Lloyd brasileiro, dizia meu pai. Vou transportar borracha e castanha para o Havre, Liverpool e Nova York” (HATOUM, 2008, p. 15) e mais: “[...] Amando [...]. Ele queria que o povo comesse, queria carne para todo mundo, mas até para isso tinha que molhar as mãos dos políticos. Queria a cadeia limpa, com comida e catre” (HATOUM, 2008, p. 78).

Quanto a Edílio Cordovil, pai de Amando, avó de Arminto, ele fora um tenente – coronel que apossara uma grande quantidade de terras indígenas da forma mais cruel possível, que, para Fanon, esta ação é retrata nesta fala: “[...] A cidade do colonizado é um lugar mal afamado [...], ou pelo menos a cidade indígena, cidade negra [...] onde não se importa se nasce ou morre, ou mesmo de que se morre” (FANON, 1968, p. 73). Eis a representação de ato “heroico” de Edílio:

Amando contava atos heróicos de Edílio: a coragem com que ele e seis soldados derrotaram mais de trezentos revoltosos na batalha do Uaicurapá. Mas outras vozes desmentiam esse heroísmo, diziam que em 1839 Edílio havia comandado um massacre contra índios e caboclos



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

desarmados. Depois dessa matança, ele tomou posse de uma área imensa na margem direita do Uaicurapá (HATOUM, 2008, p. 71).

A partir desta ação de Edílio, ele investiu nas terras tomadas: com plantações de cacau, além da construção de uma residência de destaque, nomeada com palácio branco. O narrador assim relata: “Quis apagar o passado, a fama do meu avô Edílio. Não conheci esse Cordovil. [...] Em 1940, no fim da guerra de Cabanos, plantou cacau na fazenda Boa Vida, a propriedade na margem direita do Uaicurapá [...]” (HATOUM, 2008, 14).

Em contrapartida, Arminto tivera caminhos, totalmente diferentes, pois não possuía a bravura destemida do avô Edílio, e muito menos o espírito empreendedor. Do pai Amando, o narrador relata: “[...]. Joguei fora a fortuna com a voracidade de um prazer cego”. Arminto perdeu tudo o que o avô e o pai construíram.

4 A representação de Dinaura para Arminto

É sabido que, segundo Fanon, há os que não possuem fala pelo fato de subalternidade, pois “o objetivo do discurso colonial é apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução” (BHABHA, 1998, p. 111). Dessa forma, fica perceptível no decorrer do enredo da obra que a mulher é um ser “estéril” quanto à autonomia do poder.

A mulher alcança três níveis de subalternidade: o de gênero, por ser mulher, ela é subalterna ao homem; por raça, pois se for indígena ou negra. Indígena não tem alma, é ser bestial e negra, não é gente, será sempre um ser servil e, por último, por fator econômico. Este último piora ainda mais a situação de subalternidade da mulher.

Por outro lado, poderíamos comparar a mulher como um alicerce, isto é, na construção de uma casa, não se inicia de cima para baixo, assim como ocorre no sistema de governo, mas, sim, o contrário: de baixo para cima do alicerce.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Entretanto, esta comparação só foi possível a retração do amor entre Arminto e Dinaura.

A figura de Dinaura, para Arminto, poderia visionar dois nortes: alicerce e mistério, assim como os mitos, a lenda narrada, logo no início da obra: “A voz da mulher atraiu tanta gente, que fugi da casa do meu professor e fui para a beira do Amazonas. Uma índia, uma das tapuias da cidade, falava e apontava o rio” (HATOUM, 2008, 11). A falta de entendimento da existência de Dinaura era o mesmo quanto ao entendimento da lenda, ao que a indígena falava.

Dinaura apresentava todos os graus de subalternidade referentes à mulher, pois era do sexo feminino (gênero); racial, era indígena, ser considerado bugre, em alguns casos, servia para atender aos homens no sexo e, por fator econômico, era pobre, seria sempre submissa, servil. Porém, supostamente, Dinaura tinha boa vida: era sustentada por Amando. Talvez, fosse suposta filha dele, meia-irmã de Arminto. Eis a fala do narrador quanto a este assunto: “Dinaura... minha irmã?, eu disse, engasgado. “Meio-irmã. Corrigiu Estiliano. Ou madrastra. Essa é a minha dúvida. Prometi ao teu pai que ia cuidar dela, caso ele morresse antes mim” (HATOUM, 2008, p. 98).

Quanto à possibilidade de Dinaura ser o alicerce de Arminto, seria pelo fato dele ter abandonado tudo, deixado tudo trás, não se importava com os negócios da família. O advogado Estiliano, que foi o melhor amigo de Amando, porém sempre aconselhava Arminto, o advertira:

Vives em outro mundo, disse Estiliano. Se não venderes tudo, podes ser preso. As companhias de navegação da Amazônia estão falidas. Sai desta chácara e anda pela cidade. Aquela moça arrancou tua cabeça, te deixou sem razão. Cego [...]. Não me interessava o sonho de Amando nem a linhagem dos Cordovis. Eu debatia agora por falta de dinheiro (HATOUM, 2008, p. 57).

Enfim, tudo o que Arminto pensava era em estar ou ter Dinaura. O enredo desta obra é puramente circular. Inicia no mesmo local que termina. No início, a ação do personagem desloca-se para beira do rio, por um chamamento lendário



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

indígena, da mulher suicida e, no final, o personagem reportado ao mesmo local, porém, com lamentações de um amor irrealizável, meio trágico.

Considerações Finais

O escopo deste estudo procurou uma análise entrelaçada à um conceito de verossimilhança representada na obra *Órfãos do Eldorado*. Isto nos direcionou a seguir uma estética, respeitando, a um só tempo, regras de gostos pela historicidade, sociológica, bem como o viés pós-colonialista, pois para a literatura, uma verdadeira em torno da análise literária, ela só acontece quando este julgamento é norteado pela própria obra.

A criação da criação surgirá dentro do contexto da existência da criação artística. Dessa forma, a nova criação será espelho da expressão artística. De fato, a análise não se contradiz com seus elementos intrínsecos e nem com os extrínsecos, mas respeitando tudo o que diz a obra. A obra *Órfãos do Eldorado* sugere, no mínimo, dois enredos, os quais são envolvidos por mistérios lendários: o da mulher indígena suicida e o da amada de Arminto, Dinaura.

É através desses mistérios mitológicos que são explicados toda a forma de colonização política e econômica presentes na criação literária de Milton Hatoum.

Bibliografias Referenciais

BARTHES, Roland. **Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França**. Trad. Leyla Perrone Moisés. Cutrix, São Paulo, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Sociologia**. Trad. de Flávio R. Kothe, Editora Ática S. A. São Paulo, 1991.

BENJAMIN, Walter. “O Narrador”. In: _____. **Obras Escolhidas I: Magia e técnica, Arte e Política**. Trad. de Sergio Paulo Rouanet. 10 ed. Perspectiva: São Paulo, 1996.

